

POR UMA RELEITURA DA GEOGRAFIA NA ESCOLA DOS ANNALES

Guilherme Ribeiro¹, Ruy Moreira²

1. Rua Áustria, 86, Rio do Ouro, São Gonçalo, Rio de Janeiro. CEP: 24753-470. E-mail: geofilos@ig.com.br. Instituição: Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado).
2. Universidade Federal Fluminense (UFF), Instituto de Geociências, s. 506, Campus da Praia Vermelha, Niterói, Rio de Janeiro. CEP: 24030-340. E-mail: ruymoreira@uol.com.br

Palavras-chave: Geografia; História; Annales; Interdisciplinaridade; Ciência Moderna.

Área do Conhecimento: VII - Ciências Humanas.

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo reavaliar as formas de aproximação entre a Geografia e a História promovida no âmbito da corrente historiográfica da Escola dos Annales, levadas adiante principalmente pelos franceses Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel. Tendo como uma das principais características desse movimento a interdisciplinaridade, uma investigação minuciosa das apropriações geográficas encontradas nos escritos destes historiadores nos leva a crer que tal interdisciplinaridade ocorre de forma a minimizar ou mesmo a reconhecer o caráter “modesto” da Geografia, seja de maneira implícita, seja explicitamente. Ao mesmo tempo, a leitura que os historiadores em tela fizeram de sua maior referência geográfica, o também francês Paul Vidal de La Blache, carece de um reexame, visto que o pensamento lablacheano é muito mais complexo do que fizeram parecer. É necessário preencher esta lacuna (já que poucos geógrafos até então se dedicaram ao tema), visando repensar as relações entre geógrafos e historiadores à luz de uma nova abordagem e sob um outro enfoque, distanciando-se progressivamente do projeto moderno de ciência.

O objetivo deste trabalho é realizar um exame crítico do diálogo que o movimento de renovação da História do começo do século XX, conhecido como Escola dos Annales, promoveu com a ciência geográfica. Como se sabe, não é novidade alguma dizer que as relações entre a Geografia e a História, no decorrer da trajetória destes campos do conhecimento humano, são bastante estreitas, seja no que tange a determinados temas de pesquisa, seja pelo fato de trabalharem com categorias em comum ou mesmo pelo esforço de alguns geógrafos e historiadores em sistematizar um diálogo entre si. É exatamente nesse contexto de aparente “consenso” que este trabalho — parte de nossa dissertação de mestrado, ainda em andamento — se insere, procurando investigar não apenas as linhas, mas sobretudo as entrelinhas pelas quais vêm sendo travadas as apropriações de determinados historiadores acerca do saber geográfico. Quanto à metodologia, optamos por três momentos, que privilegiam exatamente três dos principais representantes dos Annales: Marc Bloch, Lucien Febvre (os fundadores) e Fernand Braudel, que possuem a mesma referência geográfica em seus escritos históricos, o também francês Paul Vidal de La Blache. Destes historiadores, o que menos se envolve com a Geografia é, sem dúvida, Marc Bloch, embora sua presença aqui se justifique

pelo fato de que, num de seus livros acerca do ofício do historiador, ele se esforce em definir e delimitar, de maneira clara e indistinta, a natureza do geográfico, do geológico, do antropológico, isto é, apontando os papéis que cada campo do conhecimento precisava admitir para si no âmbito da divisão do trabalho acadêmico. Lucien Febvre, por sua vez, aprofunda o debate interdisciplinar, servindo como árbitro de uma intensa e fértil polêmica nas primeiras décadas deste século entre a Geografia Humana de La Blache, a Antropogeografia de Ratzel e a Sociologia de Durkheim, onde eram colocadas diferentes propostas teórico-metodológicas acerca da relação do cientista com seu objeto de estudos. Nesse contexto, Febvre acaba por forjar as tão conhecidas noções de determinismo e possibilismo, este conferido a La Blache e vinculando o determinismo a Ratzel, fato que marcou de forma indelével a história do pensamento geográfico assim como boa parte das leituras posteriores que os cientistas sociais, de forma geral, fizeram da Geografia. Febvre propõe, no intuito de definir o objeto e a natureza do trabalho dos geógrafos, uma Geografia “modesta”, que não se envolvesse com a política, a economia e o Estado, mas sim com o clima, o relevo, a vegetação, a hidrografia, ou seja, apenas com os aspectos físicos e naturais, recusando o

fato de que a sociedade pudesse ser um tema geográfico. Herdando todos esses elementos, nos deparamos com o pensamento de Braudel que, na tentativa de ampliar os horizontes metodológicos da História, engendrará o que chamou de geo-história, a Geografia sendo um instrumento fundamental de auxílio na apreensão da longa duração, no entendimento de uma História quase imutável, visto que as sociedades deixam marcas na paisagem e se circunscrevem num determinado espaço. Esse tempo longo está intimamente relacionado às estruturas da História, a Geografia atuando como a base física desse edifício teórico. A estreita associação tempo longo-quadro geográfico permite o reconhecimento do geográfico como o fixo, o permanente: o solo, o clima, o relevo, a hidrografia. A Geografia seria uma condição, um caminho para a percepção de uma História que demora a passar. Enfim, após a exposição destes elementos, brevemente expostos por razões de espaço, podemos constatar que é mister repensarmos a interdisciplinaridade do projeto da ciência moderna. Embora saibamos que a interdisciplinaridade era assimilada como veículo de renovação e aperfeiçoamento da própria História, e que houvesse uma tentativa de um diálogo sincero com as demais áreas do saber, cada uma dessas áreas haveria de manter sua especificidade diante das outras, distintas sobretudo através do objeto e pelo método — duas palavras-chave da Modernidade. Portanto, os esforços dos cientistas modernos concentravam-se na busca do histórico, do geográfico, do sociológico, do antropológico, onde, se um não exclui o outro, no mínimo é diferente dele; em última instância, é a busca de uma identidade que justificaria sua existência acadêmica e científica, sublinhando (suprimindo?) a diferença entre as diversas maneiras de captação do mundo. Melhor seria, então, que escrevêssemos interdisciplinaridade, posto que seria mais verossímil com a efetivação prática do debate. Deve-se sublinhar ainda que existe uma distância considerável entre o desenvolvimento da ciência geográfica e as formas e maneiras pelas quais os historiadores — de modo geral, embora com raras exceções — se apropriam dos conhecimentos geográficos. Sintomático desta conjuntura é o próprio Braudel, que mesmo na década de 1980 se perguntava: “Se não houver determinismo, onde ficará a Geografia?”. Além disso, cabe ressaltar a singularidade da perspectiva braudeliana, já que tal postura determinista é praticamente inconciliável com a tradição lablacheana, isto é, possibilista, de Bloch e Febvre. Este quadro nos leva a identificar o que denominamos de descompasso epistemológico, que definimos como sendo a lacuna entre as mudanças paradigmáticas da

Geografia ao longo dos anos e o discurso geográfico encontrado no seio da reflexão histórica contemporânea. Destarte, a Geografia permanece enquanto um saber mnemônico, descritivo, locacional por excelência, cartográfico e mesmo, por repetidas vezes, a-histórico e a-social, isto é, exterior ao Homem. Para finalizar, dentre as razões para tal panorama, podemos citar a interdisciplinaridade moderna, onde o diálogo entre as ciências só ocorre quando convém a uma das partes; a cientificidade moderna, ancorada de forma ortodoxa no objeto e no método; o olhar dos cientistas para o mundo fenomênico, na busca obsessiva pela singularidade do geográfico e do histórico; a incipiente dimensão epistemológica no seio da comunidade geográfica; a indissociabilidade da relação entre o saber e o poder, exemplificada pela defesa do *status quo* acadêmico, entre outros aspectos.

Referências Bibliográficas

- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (2001).
- BRAUDEL, Fernand. *O Espaço e a História no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes (1988).
- . *Uma Lição de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (1989).
- . *História e Ciências Sociais: a Longa Duração*. In: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva (1992).
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Unesp (1997).
- CARVALHO, Marcos B. *Diálogos entre as Ciências Sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844 – 1904)*. Biblio 3W. Revista de Geografia y Ciencias Sociales, nº 34, 1997. Universidade de Barcelona, Departamento de Geografia Humana [http://www.ub.es/geocritic/b3w-34.htm].
- . *Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação?* Biblio 3W. Revista de Geografia y Ciencias Sociales, nº 25, 23 de abril de 1997b. Universidade de Barcelona, Departamento de Geografia Humana [http://www.ub.es/geocritic].

- DOSSE, François. O Paradigma. In: DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaios (1992).
- FEBVRE, Lucien. *A Terra e a Evolução Humana: Introdução Geográfica à História*. Lisboa: Edições Cosmos (1991).
- HAESBAERT, Rogério. Escalas espaço-temporais: uma introdução. *Boletim Fluminense de Geografia*. Ano I, vol. 1, nº 1, (1993).
- . Paul Vidal de La Blache. *GEOGRAPHIA*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói/Rio de Janeiro, UFF/EGG, Ano I, nº 1 (1999).
- . Paul Vidal de La Blache. *GEOGRAPHIA*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói/Rio de Janeiro, UFF/EGG, Ano III, nº 6 (2002b).
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A Mobilidade das Fronteiras: inserções da Geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG (2002).
- LA BLACHE, Paul Vidal de. Introdução: significado do objeto da geografia humana. In: LA BLACHE, Paul Vidal de. *Princípios de Geografia Humana*. 2ª ed. Lisboa: Cosmos (1954).
- . As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel (1982).
- . O Princípio da Geografia Geral. *GEOGRAPHIA*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói/Rio de Janeiro, UFF/EGG, Ano I, nº I. (1999).
- . Quadro da Geografia da França (fragmentos). *GEOGRAPHIA*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói/Rio de Janeiro, UFF/EGG, Ano III, nº 6. (2002).
- LACOSTE, Yves. *A Geografia — isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus (1988).
- . Braudel Geógrafo. In: LACOSTE, Yves (org.). *Ler Braudel*. São Paulo: Papirus (1989).
- RATZEL, Friedrich. O Elemento Humano na Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel (1982).
- REIS, José Carlos. *Escola dos Annales — a Inovação em História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (2000).